VOLTAR
A
SER NEGRO

Iolanda T. da Silveira

GLOSSARIO

Aiuê – Socorro.

Alambamento – Oferta de presentes obrigatórios aos pais da noiva no pedido de casamento, em Angola.

Alfacinha – Termo que os lisboetas usam para designar os lisboetas.

Banga – Charme.

Candigolo – Aguardente.

Casa de Banho – Sanitário, banheiro.

Catana – Grande facão, peixeira.

Cubata – Casa de pau a pique.

Bujamé – Instrumento de sopro.

Dongo – Canoa feita pela escavação dum tronco de árvore, numa só peça.

Fúba – O mesmo que fubá.

Fúngi – Pirão de fúba.

Imbondeiro – Baobá.

Jindungo – Pimenta vermelha.

Kicongo – Dialeto angolano da região Norte.
Kimbundu – Dialeto angolano falado em Malange e Luanda.
Laripo – Adeus.
Liamba – Maconha.
Luando – Esteira.
Machimbombo – Ônibus do transporte coletivo.
Magalas – Soldados, militares sem patente.
Maiombe – Floresta angolana.
Maka – Lío, confusão, bagunça.
Malungo – Companheiro.
Matabicho – Café da manhã, em Angola e Portugal.
Monangambê – ajudante do ajudante, pessoa de baixo escalão social.
Muamba – Prato típico angolano preparado com frango ou peixe, quiabo, temperos e azeite de dendê também chamado óleo de palma.
Mufete – Peixe inteiro assado sobre brasas.
Nganga – Feiticeiro.
Niassa – Navio português de transporte e passageiros.

Óbito – Cerimônia fúnebre que inclui banquete, dança e canto, em Angola.

Pacaça – Búfalo selvagem marrom, mais feroz que o preto.

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado, policia secreta do regime salazarista, em Portugal, década 90.

Quimbombo – Aguardente de banana.

Quissanga – Aguardente de milho fermentada com açucar.

Sipaio – Polícial nativo a serviço da autoridade colonial.

Soba – Autoridade nativa para assuntos indígenas, com poder de delegado.

1

Naquele ano o Dr. Tarcísio vivia numa casa de madeira escura com varanda suspensa sobre as águas do Cuango, à margem esquerda dele, descendo o rio. No tempo das chuvas, ventação e enxurraios, o rio serpenteava para dentro do ancoradouro madeirado, em baixo da varanda, arrastando galhos e ninhos, remaniscando os dois barcos ali guardados. Vista do rio, à noite, com as luzes acesas a casa podia ser confundida com um grande barco ancorado. Para além do rio desfalecia a floresta, a qualquer hora explosão de minas estremecia o vento e extraviadas asas brancas tonteavam na inútil busca de inexistentes céus de paz.

Do lado oposto, a frontaria da casa mostrava janelas de vidros quadrados e uma porta de grande altura e estreitez que ia dar no portão da rua por um caminho de saibro, ladeado de áceres. No fim do Verão, antes que as chuvas ventassem, o chão se cobria de folhas vermemarelas e, em poucas auroras, no gotejar do *cacimbo*, surgia a galharada nua que mal se deixava ver na profundez das neblinas. A estrada frente à casa

segurava cinco quilômetros até o povoado com o mesmo nome do rio, aonde chegavam a pé os que não possuíam bicicleta, mas pelas águas também se fazia o caminho, trajeto rio acima por águas que o céu não conseguia azular porque o verde das margens chegava a elas primeiro.

O Dr. Tarcísio era um homem negro, robusto, cavanhaque bem aparado começando a branquear, quando sorria iluminava enternecimento nos olhos, dava para ver que havia bondade na alma dele. Para os moços podia parecer idoso, mas para os de mais idade era ainda um homem moço, tinha cinquenta anos. Para os portugueses da zona leste era um inimigo com vestes de amigo, perdoado apenas por ser o único médico do Cuango e precisarem dele quando se desparceiravam da saúde ou os mais velhos eram atacados por fortes dores no peito e começavam a morrer. Desde o começo da guerra a casa tinha virado um Pronto Socorro. Este lugar tem médico? E o endereço era mapeado pelas bocas, escrito nos gestos. A toda hora empurravam o portão e vinham entrando, sempre em quando guerrilheiros negros, à noite, as penumbras acobertavam a

movimentação. O Dr. Tarcísio era conhecido em toda a redondeza, do Ambriz ao Quitexe e até para além da fronteira norte de onde a fraternidade angolana chegava no rigor do segredo, traduzida em numerário e medicamentos. E sempre chegando gente, a guerra se alastrava como fogo em mato seco, misturando ruínas, sangue, cinzas, desordem e ódio.

Na casa havia dois serviçais. José era magro e alto, seus dedos alongados mostravam agilidade manipulando garrafas de vinho ou prestando serviços de enfermagem aprendidos na necessidade, na copa e na enfermaria era o terceiro braço do médico. A rusticidade de Vicente combinava com os serviços requerentes de energia. Forte, entroncado, mãos grandes, de pouco sorrir, com ele dava para entrar sem facão na mata, diziam que possuía autoridade sobre as cobras. Na casa, agora, também Maria Benta, desprevenida transeunte pelas agruras da vida. Não se dizia que ela fosse serviçal porque não era. Resgatada do abandono num alonjado lugar da mata, chegara seminua, farroupa, pernas finas que nem varas e a carapinha emaranhada, dias sem comer. Penosa se tornara a vida naquele cenário de

matanças, sempre cabeças penduradas nos galhos, o confronto entre guerrilheiros e milicianos Voluntários culminava com a degola do vencido, o cheiro do sangue adocicando as brisas. As auroras e os ocasos contavam da rapidez do tempo, ainda ontem Maria Benta conduzia o Dr. Tarcísio por aqueles mesmos lugares, garças de cabeça preta pernaltando na curva do rio, o médico com uma máquina fotográfica e Maria Benta lhe passando lições aprendidas com as enfermidades. Este aqui, bom para calor de pessoa doente, sim, patrão, se diz febre. Este para coisas de mulher, ela ia mostrando, este bom para dor de osso. E este quenibungo, cipó faz limpar dente, esfrega faz espuma, ela virava o rosto e afundava a cabeça nos ombros erguidos, satisfeita com o seu mundo cientifico. Nunca o médico se aproximara do casebre dela, tão indigenado e escondido estava. Que Maria Benta se lembrasse, só havia chegado lá um missionário branco com um pacote de *fúba,* que lhe contou a história de Adão e Eva, dois pretos que andavam por aquela floresta muito antes destes angolanos de agora. Nos olhos dela uma respeitosa fé, verdade, patrão. Maior descoberta da vida era aquela

cama entravesseirada, até a velhice dormindo em *luandos*, de vez em onde uma cobra querendo se enluandar com ela. Tudo para Benta, agora, era luxuosidade. Que esquisito invento o garfo, melhor empelotar o *fúngi* nas pontas dos dedos e alaranjá-lo no molho do dendê, só precisão de boca e fome, na hora de comer ela pegava prato, colher e insegurança e sumia, com vergonha de errar. Nos tardeceres ia se acocorar debaixo da mesma árvore, acendia o cachimbo e ficava baforando brancamente para abrir na fumaça o livro do tempo trazendo de volta até cenas da infância. Fosse onde passasse o dia, era no mesmo lugar que, cachimbando, ela esperava a noite. Dos oito filhos nascidos só lhe restavam dois, perdidos no mundo. Para ela o mundo era um espaço de brumas que só existia no fechar dos olhos, firmado atrás das retinas. E o teu companheiro, Bentinha? Ela erguia os olhos para o céu das lembranças. O homem forte, ingênuo, analfabeto, pai dos filhos dela, fôra mandado para as minas da Rodésia e não voltara, morrera asfixiado na carroçaria de um caminhão durante o trajeto. Ela nem chorara, tão tragédia que ela mesma era. Maria Benta nunca havia saído do

Norte, sempre empurrada para outro lugar. Fosse onde estivesse apareciam brancos com trena, capacete, espingarda e guarda chuva, querendo a terra, tomavam-lhe até a lavra já plantada. Seu universo era o que seus olhos abarcavam: o rio e a mata e o que eles possuíam de vivo porque morto não faz parte de universo nenhum. De vez em longe, o sol ainda despontando, cadê a Bentinha? À custa de remos ela descia o rio, sabia onde havia acônito, artemísia, samambaia: a flora do Cuanavale. Os ramalhetes atados com cipó eram presentes para o doutor. O médico agradecia, mas cuidado, Bentinha, depois da curva lá em baixo tem jacaré grande. Ela se enchia de rir, eu pega pau e corre com ele.

Naquela manhã Adriana apareceu no momento em que o aroma do café inundava a copa, bom dia, vô. Café, suco, roscas, omelete, mamão e para quem quisesse, torradas com manteiga. Eu quero, aceitou Adriana e José foi torrar as fatias de pão. Desde bem cedo se podiam ouvir os tiros disparados do outro lado do rio, mas a casa estava mergulhada em preguiçoso silêncio matinal, até que a voz de Isabel se fez ouvir lá no portão. Vicente teve

que deixar a jardinação para tentar interceptar o passo apressado da vizinha que avançava na sombra de uma sombrinha aberta, mantida no ar por Domingas, mocinha negra de corpo fino e cabelo repartido em trancinhas miçangadas, sim senhora, Dona Bia, já estou a ir, Dona Bia. Vicente, agora, no passo delas, o doutor está ocupado, por favor, é hora do *matabicho*. Sai da frente, rapaz. Cabeça altivada, Isabel cada vez mais perto da porta, não quero saber se o doutor está ocupado. O criado de cá pra lá, cruzando a frente dela, o doutor está a tomar café, ainda nem sete horas, por favor, Dona Bia. Ora, bolas, ela já na porta, por favor digo eu, sai do meu caminho, Vicente. E para Domingas, sem olhar para trás, vê se aprendes a segurar essa sombrinha, rapariga, olha o bendito sol a me queimar o rosto. Qualquer pensaria que o autoritarismo estava na genética de Isabel Carvalho, mas ele surgira no desfolhar do calendário, emparelhado com o aumento dos decotes, o ajuste das roupas e o dogmatismo nas convicções, o mesmo que dizer, com os apelos da idade, ela acabara de cumprir quarenta e cinco anos. Docilidade mesmo, só no tempo em que, contando as horas que faltavam para as seis da

tarde, descuticulava unhas sobre uma almofadinha mil e duzentas e cinquenta e duas vezes desvirada. De tão bonita fôra notada pelo fidalgo Sorrentino, ainda sumamente vigorado aos quase sessenta anos, que se passatempava atraindo mulheres plebéias de fresco encanto para uma vida de ociosidade enchampanhada. Um feio dia, italianado numa Ferrari, Sorrentino cercou-a na rua, impondo-lhe um infame sorriso de provedor exigente. Isabel hesitou entre o ter e o não ter, era moça séria atrelada a engrinaldadas ideias. Mas, que diacho, até quando seria mantida por aquele alicate de unhas? Na mesma hora deixou-se arrebatar pelo encanto do predador, nem todos os dias se é perseguida por uma Ferrari, admitiu. Depois de desengrinaldar-se no leito fidalguesco, de suar malabarismos e perversos jogos desconjugais que, se contasse ninguém acreditaria, se acomodou jeitosamente no descaminho e um dia acordou dona de tudo quanto desejara. Até que Sorrentino morreu, sete anos mais tarde, enforcado no masoquismo, Isabel se manteve fiel e perseverante, nem um só dia deixou de efetuar depósitos nos secretos pés de meia da prudência e um dia acordou como a sexta mulher mais

rica da Europa. Isabel Carvalho era jovem de grande beleza e, apenas um mês após o autopenduramento de Sorrentino resolveu se escancarar para as alegrias da vida. O homem mais belo que cruzou seu caminho foi Afonso Vaz, metro e noventa, cabelos negros e perfil de faraó, vendedor de azeitonas enlatadas, que por exaustivas ruandadas tinha afinadas as solas dos sapatos. Isabel apressou-se em lhe comprar dois pares, a data do casamento já marcada, dessabendo que a mulher propõe e os bêbados dispõem. O corpo do amado desceu à crosta terrestre após sofrer atropelamento por um adolescente ébrio, numa rua desmovimentada da cidade, justo no tempo em que a família Sorrentino questionava a *causa-mortis* do duque, repudiando a versão de trapalhada masoquista. E as primeiras suspeitas de assassinato começaram a dessubterranear-se. Depois de algumas idas à delegacia local Isabel encheu-se de temor, e se, de repente, o diálogo virasse interrogatório sob um foco de luz, com policiais assistindo detrás de um vidro fumê? Primeira ideia foi se recolher a um conhecido convento, mas comentariava-se que lá a comida não era boa. Ela perdeu o sossego, tenho certeza

que logo vão me acusar, Ruca. Só abandonando as iminências conseguiria recuperar a paz, concluiu, precisava empreender uma discreta retirada. Abriu o mapa e deixou o destino comandar o trajeto do seu indicador: África! Manteve o dedo sobre o mapa. Calor, escorpiões e canibais. Mas não vou fugir do meu karma, Ruca, tenho certeza que é na África que vai se cumprir a minha sina. Seu irmão Raul, desempregado de toda a vida, mostrou-se compreensivo, não irás sozinha, Bia. Engalanou-se com um traje de explorador: capacete, botas de cano curto e uma Glock 17, 9 mm num coldre, por se acaso as tribos selvagens. Chegaram à Angola em tempos de paz calada, fizeram perguntas, sairam das estradas, seguiram trilhas, os baús sobre duas caminhonetas de ferrugenta idade, até alcançarem o lugar que julgaram o mais esconso do continente. E, como o sofrimento é a universidade da vida e as peripécias da viagem lhes haviam propiciado sabedoria, quando ao Cuango chegaram, Raul Carvalho já era advogado e Isabel, pedagoga. Depois ela se arrependeu de mentir que era pedagoga porque ninguém sabia que

profissão era aquela e não lhe dispensaram a esperada consideração.

A porta estava entreaberta, foi só empurrar, Isabel foi entrando, conhecia bem a casa. Atravessou a sala, Domingas atrás, a escada já ali, passaram por ela, depois pelo corredor e entraram na copa, o barulho dos saltos de Isabel ecoando no silêncio da manhã, já eram sete horas. Bom dia, doutor. Vicente entrou a seguir, queria explicar, claro que não era preciso, o médico conhecia bem a vizinha. Adriana começava a mordisquear a torrada quando o Dr. Tarcísio se voltou para Isabel, chávena de café na mão, o que a traz por aqui a estas horas, Dona Bia? Isabel não quis se sentar, mal podia controlar a ansiedade, queria uma explicação, quem era o preto que passara a residir na casa do médico, algum comandante terrorista vindo do Zaire? Ela não era a única interessada no assunto, a comunidade quer saber, doutor. Entendo, refutou o médico, a senhora está curiosa e veio saber quem é o homem, sente-se, Dona Bia, aceita um café? Não vim tomar café, Dr.Tarcísio. Então, um chá de ervas, acalma o sistema nervoso. Ela ficou vermelha, Domingas sorriu para Adriana, eram

amigas, tinham a mesma idade, trocavam confidências e faziam as mesmas encomendas ao mascate. O senhor, acaso, procura saber quem são os pretos que deixa entrar aqui, não lhes pergunta quantos brancos já degolaram? Não tenho tempo para investigar feridos, Dona Bia, respondeu o médico sem se alterar. Largara a chávena na mesa e estava cortando o bolo de *fúba*, ele não se sentava para tomar café, aceita provar a especialidade da casa, vizinha? Não fuja do assunto, doutor, eu quero saber quem o senhor está a proteger. Enquanto o Exército perseguia os terroristas, o médico abria as portas para eles, acusou, e se o Chefe Lopes não fosse cego o senhor ia ter que se explicar. Adriana parou de comer, quando é que a senhora vai deixar de controlar a vida alheia, Dona Bia? Isabel se nervoseou, segurava com as duas mãos o encosto de uma cadeira, aquele assunto dizia respeito a toda a comunidade, por que o médico só atendia guerrilheiros negros, acaso não sabia que eram feridos de guerra, como podia prestar assistência a quem estava a matar brancos? O médico lhe dispensou um tranquilo olhar, a senhora está mal informada, Dona Bia, aqui também entram milicianos e

militares feridos que, como a senhora sabe, não são pretos. Mas, Isabel queria falar de quem era preto e estava semanas na casa do médico, acaso um chefe terrorista que está à espera da hora de nos matar? A tensão não chegou a criar peso, só faço a minha obrigação, Dona Bia, e não vejo porque isso a incomoda tanto. Muito bem, o médico não queria dar satisfações à comunidade, ia ter que dá-las ao Exército, sentenciou Isabel, havia notícias, o Exército retornaria ao Cuango a qualquer momento, aí, sim, muita gente ia ter que se explicar. Adriana comendo torrada, olhou-a de viez, a senhora acha? Não estou a falar contigo, Adriana, apenas estou a advertir seu querido vô sobre o seu estranho comportamento e o que tenho a lhe aconselhar é que tenha cuidado. Estreitou com desapreço os belos olhos azuis, deu meia volta, passos ligeiros nos saltos altos, saltos tão altos àquela hora da manhã. Deu de cara com o capitão Marcelo, o olhar dele inteiro nela, é por minha causa que está tão preocupada, senhora? Sobre as costas, a túnica militar, o peito nu enfaixado informava que ele havia levado uns tiros. Os olhos claros de Isabel percorreram a figura do intruso, era este, então, o

homem? Ah ninguém havia informado que o homem negro ferido era um militar. Urgência em remendar o palavreado, mas não ia dar a língua a torcer, como havia de imaginar que um cidadão da raça negra pudesse integrar o exército de brancos que viera combater os negros? Esforçou-se por manter equilíbrio no desconjuntado pedestal, se não fosse um militar o senhor ia ter problemas, doutor. Nenhum portanto ou porém a acrescentar, ela optou pela retirada. Domingas conhecia o ritual da saída: correr para a porta, tinha obrigação de chegar lá primeiro e ficar aguardando com a sombrinha já aberta. Se fizesse esperar levava um tabefe. O capitão ficou observando como as duas se afastavam, era um moço alto, os olhos diretos, uma energia neles. O Dr. Tarcísio quis comentar, Dona Bia fala muito, mas é boa pessoa. Deu para notar, sorriu Marcelo. Imagine se não fosse, rematou Adriana, sondando o sorriso do moço, sentia curiosidade pela vida dele, um africano chegado da Europa, de vez em quando fixava os olhos interrogativos nela. Isabel afastou-se pelo caminho de áceres, às vezes sol, às vezes sombra no vestido, um pirilampear de luzes também na sombrinha, Domingas

tentando acompanhá-la com passos rápidos de obediência. Era só atravessar a rua e estavam em casa, uma varanda na frente, um pátio com folhagens nativas, caminhos de saibro e arvoredo lá nos fundos escondendo uma edícula branca, morada dos serviçais. Protegida por três criados bem vestidos, mas mal pagos e três impacientes dobermans, Isabel se sentia à vontade para julgar o distante semelhante com a severidade dos que não correm o risco de serem julgados.

#

Mais uns dias e o capitão estava de alta. Pediu emprestada a bicicleta ao Dr. Tarcísio e, pedalando, entrou no vilarejo. Ruas de terra, casas baixas e uma praça central só de árvores. Duas ou três fachadas eram aproveitadas para envitrinar panelas, ferramentas, óculos escuros, colares de miçangas e atrativas bugigangas de plástico, tudo exposto ao pó e às cinzas da rua e à quentura do sol. Nativas esguias, de longos véus, descalças, coloriam os trajetos com vestimenta de longos panos de todas as cores e sobre a cabeça tudo o que é

preciso levar. Nenê, só à garupa, sustentado pela bundinha por uma faixa de pano cruzada no peito da mãe, cada ponta do pano no sovaco oposto, encaixada na blusa. O capitão passou pelas ruínas da igreja, o século dezoito no chão, em despartes, nem dava para saber como havia sido, tudo dessacramentado e ermo sob o calor, o mato crescendo onde antes era a sacristia. Não demorou, estava sentado num boteco diante de um copo de cerveja, nenhum outro cliente, moscas no ar e um forte cheiro de tabaco marronzando o ambiente. Uma geladeira enferrujada produzia um som elétrico de motor cansado, estava entreaberta, lá dentro coisas embrulhadas em umidade. Pela porta dava para ver uma ou outra bicicleta preguiçando trajetos, os pedais acionados por pés negros descalços. O botequineiro de estômago sumido debaixo de uma camisa destamanhada tinha os cabelos em desgrenho e dentes falhos, parecendo embriagado. Ia e vinha, olhando direito por linhas tortas, impaciente por fazer conversa. Marcelo resolveu iniciativar-se, dizem que neste lugar mora gente muito rica, comentou. Não conheces os plantadores de algodão lá da zona leste? Animou-se o comerciante,

aqueles são os gajos da pasta. Foi voltando ao balcão para beber mais uns goles, mas parou estranhado, como um filho da terra não conhecia os ricos da zona leste? Não, não conhecia, até porque não era filho da terra, esclareceu Marcelo. Jorge desceu o olhar para o freguês, não gostava de forasteiros, então és daonde? De Cabinda, respondeu estrangeiramente o capitão. Não ia contar que havia passado a vida longe da África e só conhecia a pátria pelos cartazes turísticos. Ah és de Cabinda, Jorge desconfiado, e o que vieste fazer aqui, andas a fugir da polícia? Tomou mais uns goles de *quimbombo* e devolveu o copo ao balcão, arre, passou as costas da mão na boca, a bebida incomodava a garganta dele. Não ando a fugir da polícia, refutou Marcelo, sou militar. Com a cabeça espichada para frente como precisasse ouvir melhor, o botequineiro duvidou, és o quê? Cheguei no *Niassa* com um contingente, Marcelo fez uma pausa e resolveu acrescentar: sou capitão. Estava usando uma camisa de José e sandálias de Vicente e teve que suportar uma inspeção meticulosa. O desdém engrossou no olhar e nas palavras do comerciante, cretinou um sorrisinho, capitão, tu? Tu, um

capitão? Marcelo perplexando-se, se esquecera de provar a cerveja, já estava arrependido de haver iniciado conversa com um borracho. O ébrio desdém do comerciante já se tornara desequilibrada arrogância, queres me convencer que estás no Exército Português? O Exército onde tu deves estar não existe, não tens nada a fazer na praia dos brancos, cabrão, vociferou o homem, és um mentiroso, um preto safado que vem me contar histórias para conseguir beber de graça, podes sair, vai, e o dinheiro aqui, estendeu a mão aberta, mexeu os dedos como pernas de aranha caída de costas, aqui, o dinheiro aqui. Marcelo levantou-se, não queria se irritar, não devia, se resolvesse usar os punhos deixaria aquele homem no chão, mas não ia derrubar um sujeito que o alcool já dessustentara. Tirou uma moeda do bolso, atirou-a sobre a mesa, que azar, entrei num chiqueiro sem me dar conta, insultou, uma força oculta levando-o a dar um tabefe no copo, a cerveja se espalhou pela mesa e ficou pingando nas tábuas do chão como fosse urina. Se apressou em sair, na porta a bicicleta, ainda fosse um carro. Diabo que te carregue e à louca que te pariu, preto safado, gritou Jorge que o seguira até a porta, a voz forte

desassociada dos olhos mortiços. Marcelo começou a pedalar com vigor e foi-se afastando, não fosse o magricela lhe acertar uma pedrada.

Difícil pegar no sono àquela noite. Preto safado. Onde estava a safadeza? Nem dois meses na África e já sabia que naquela terra a cor da pele delimitava territórios. Levantou-se e foi para a varanda, o rio correndo em baixo com murmúrios de líquidos embalos. Caladas estavam as metralhadoras que durante toda a tarde quebraram o silêncio, ainda bem. Marcelo ficou observando a mata escura debaixo da lua redonda e brilhante que mostrava seus mares. Só respirando fundo para abrandar a revoltante sensação de haver levado um tapa na cara, não ia conseguir dormir. Mas a tensão abrandou de repente, uma voz feminina perguntando, perdeste o sono, capitão? Adriana ali, encostada no gradil, cabelos enluarados, havia um mudo e secreto diálogo entre eles, olhos garimpando entendimento, querendo e desquerendo proximidade. Adriana vestindo roupa de quarto, um rápido olhar e o corpo dela adivinhado, a agitação que havia nele virou ansiedade. Como a penumbra cria intimidade, pensou. Vais partir? A

brisa na roupa dela, os olhos perguntando. Firmou-se a sensação de paz que subia com o murmúrio do rio, sim, devo partir. E depois voltas? Ele tinha certeza que não voltaria, vou-me embora, mas volto, mentiu. Ainda bem, até perdi o sono a pensar que não voltarias mais, revelou ela, mas emendou rapidamente, não gosto de pensar que as pessoas se vão para sempre. Madrugada, a brisa no cabelo dela, o para sempre nem sempre é para sempre, sorriu ele, não sabia que quando sorria o coração da moça balançava. Se abriu um silêncio de homem e mulher que esperam alguma coisa que não sabem se vão deixar que aconteça. Adriana dominada pelas talvezices, Marcelo, um estranho vindo de distâncias, e se estivesse casado? Não o deixou aproximar-se, vi que estavas aqui e só vim dar-te boa noite. Ele tentou alcançar a mão dela, a tentativa de atraí-la, mas a moça foi imperativa, até amanhã, capitão. Não estava se permitindo aceder ao que seu coração pedia, que era ser tocada por ele e voltou para o quarto com a amarga necessidade da ternura a todo instante prometida nos olhos do homem que ela mal conhecia. Mas, em tempo de guerra os homens vão e vem, pensou, é tão fácil mentir quando se

está de passagem. E prosseguiu pensamentando desconfianças, podia ser que Marcelo partisse e nunca mais se lembrasse dela, por que perder tempo com sonhos? Mas, que vontade de voltar à varanda, se deixar beijar e ajeitar cochichos. Demorou a dormir, o sorriso dele nas retinas.

#

Entraram no vilarejo pedalando, ela de cabelos presos, bermudas comportadas, uma cestinha na frente da bicicleta. João Pedreira estava à porta do estabelecimento e saiu para orientar, é melhor deixarem as bicicletas lá dentro. Casa baixa de tábuas escurecidas pelo tempo, cheiros misturados, interior penumbroso com um comprido balcão de tábuas lá nos fundos, suficiente para abranger os setores de bar, mercearia e açougue. A cerveja está fresca, informou o português, havia entrado na frente, a geleira pifou, mas as garrafas estão num barril de água. Que droga, precisava consertar de novo a geladeira, do jeito que estava ia acabar perdendo freguês. Foi passando o pano na mesa, o pano retirado do ombro, no canto da boca um palito. Um sinal para o

criado Avelino e a garrafa trazida depressa, molhada, o pano nela, já dois copos, a espuma subindo, ninguém perdia tempo, a clientela atendida com presteza. Ontem o Cristóvão trouxe laranjas, reservei uma dúzia para o doutor. Claro, concordou Adriana, foi tirando da bolsa a lista de compras, ela havia trazido uma, os criados também vinham regularmente com listas. Seu João voltou à mesa, passou o pano por seus bordos, estou a saber que uma Unidade do Exército está a caminho do Cuango, capitão, parece que vem estacionar por uns dias. Adriana se ansiou. Marcelo estava recuperado, certamente partiria com a tropa. Retornaria algum dia? Nem bem iniciada a conversa, uma nuvem de pó se ergueu lá no começo da rua. Transeuntes começaram a apurar o andar, uma velha correndo como dava e portas depressamente se fechando. Uma tropa? Cavalos por aqui não há, pensou Adriana, bois por aqui não há, então só pode ser gente, olhou para o capitão, guerrilheiros? Não eram. Lá do começo da rua, na poeiração dos pés cansados, eles vinham descendo, gentes sem rosto, silhuetas pardas, cabeças escuras borbulhando numa superfície de humana angústia. Vinham, nem devagar

nem depressa, passo conformado de quem tem muito que andar. Descendo a rua vinham, cada vez mais perto, centenas de pessoas andando quem sabe desde onde. Cristóvão chegando, estava vindo a pé de casa, sempre duas ou três cervejas logo de manhã. Estão a ir para o Zaire, informou, acostumado ao êxodo das populações, vez por outra tinha que parar a caminhoneta na estrada para deixá-las passar, não será melhor fechar a porta, compadre? Que nada, Seu João não ia fechar, cansado estava de lidar com aquela cortina metálica pesada, sempre aparecia de quem se defender, melhor ir buscar a pistola, disse.

Pés descalços em descompasso, já dava para ver seus rostos, olhos injetados, pestanas e carapinhas esbranquipoadas, farrapos, pernas magras em movimento, crianças presas à garupa das mães, vidas esvaziadas, estoicismo bovino, nenhum lugar de descanso. Bem à frente um rapaz de elevada estatura, não parecia debilitado como os outros, não estava, havia se juntado ao grupo naquela noite, era do Quitexe. Atrás dele a multidão, pararam diante da porta, gente até lá no começo da rua. Cristóvão olhando para o comerciante, eu

não falei? No silêncio, um choro. De mulher? Também podia ser de criança, choro de alguém muito frágil que só tinha trapos. Fome está a matar pessoas, patrão, o rapaz quase dentro do estabelecimento, respeitava o marco metálico da porta, mas faltava só um passo, patrão dá comida para nós? Saiam da minha porta, desandou Seu João, sigam o seu caminho, não tenho tanto para dar-vos. Se desse para um teria que dar para todos, nem tudo o que havia no armazém ia ser suficiente, não, de jeito nenhum, iam acabar se pisoteando e ele ficaria arruinado, vão, vão andando. Mas o rapaz, firme, comida acabou, senzalas queimados. Logo era outro falando, velhos têm fome, miúdos têm fome, mulher velho caiu no caminho, perna não aguenta este caminhar, patrão dá comida? Estavam ganhando força, já dava para avistar cabeças erguidas no meio da multidão, os lá de trás haviam acabado de descobrir, um armazem de branco!? Os estômagos doendo, secos, a saliva amarga, outra voz se ergueu, fome está a matar, patrão. No simultâneo das falas a multidão se despacientando, aquela agitação de mar de fundo, só se descobre a força da onda quando ela arrebenta na praia, um perigo se o da frente desse mais

um passo. Devia ter fechado, compadre, a voz de Cristovão pedregando. É, devia, João Pedreira arrependido, pálido, o patrimônio ameaçado, só ele sabia o quanto lhe havia custado todo o empratelerado ali, tudo pago a dinheiro. Fora, bradou, precisava dar um basta naquela expectativa. Fora, fora, já estava se irritando, também ele criando força. Os criados acorreram, mais duas armas, era só mandar que disparavam, os dois descalços, aventais sujos, cabelos emaranhados, raro em vez se penteavam. Adriana com medo, o que vai acontecer? Olhos de apaziguamento, o capitão prendeu a mão dela sobre a mesa.

O rapaz da frente insistindo, a fome descobrindo aromas, os biscoitos já ali, hum, e o cheiro dos defumados, aí ele avançou, apenas um passo e já estava dentro do armazem. O comerciante apocalipsou-se com a antevisão das prateleiras derrubadas, pacotes rasgados, mercadoria espalhada, e, sem mais pensar, puxou o gatilho, um tiro à queima roupa. Na mesma hora aquele estremecimento de mar de fundo, como fosse uma só pessoa a multidão se moveu, todas as cabeças para o mesmo lado, centúrias de passos na mesma direção, o

rumo retomado. Já não queriam nada, figuras esguias e escuras, fantasmas na manhã de sol, farrapos, poeira, choro, todos de novo sem rosto, foram-se. O rapaz foi levantado, não disse ai, não se ouviu mais a voz dele, nem mancha de sangue no chão ficou. Desesperança adentro, sumiu com os demais. Poucos instantes e a rua outra vez deserta, cães vadios fugidos para a sombra. Seu João guardou a arma na cinta, traz cerveja, Avelino, é por conta da casa, que nem comandante de Boeing oferecendo champanhe aos passageiros depois da turbulenpestade. Se havia o que festejar era o não acontecido, imagine se resolvem invadir, a estas horas nem um chouriço mais na prateleira, compadre. Ainda excitado, João Pedreira pegou o pano do ombro e voltou a passá-lo sobre a mesa, chiças! Não é com pouca coisa que se vai matar a fome dessa gente.

Naquela noite, outra vez, Marcelo deixou o quarto, o silêncio que nem fantasma em vagância pela casa enquanto seus moradores dormiam. Na varanda, uma cadeira de descanso, espaldar inclinado, a preferida do Dr. Tarcísio. Resolveu se sentar, a lua como sol branco, tão baixa, no mesmo lugar, Adriana dormindo, ainda bem.

Ficou sozinho com a noite, encostado nas lembranças do dia. Todos aqueles homens e mulheres, vestidos com o santo sudário da miséria, já deviam estar a quilômetros nas minadas distâncias. Impossível reconhecê-los como compatriotas, Marcelo estava acabando de descobrir que tinha por berço o mundo de outra raça negra. Ainda bem que não fazia parte dela. E se encontrou reconhecendo as vantagens de ter partido cedo. Desde os anos meninos trajetando pelo mundo sem descontas nem desajustes, por conta do avô Cabano, boxeador com a glória depositada em transbordantes contas bancárias. Marcelo, seu único herdeiro: pátios barulhentos de colégios tradicionais, uniformes de casimira, aulas de línguas estrangeiras, olhando pela janela o mar do Estoril. Aos dezoito anos Coimbra dos doutores, camisas de griffe, uma máquina italiana para chegar à faculdade. Tempos bons de lembrar: férias nos lugares de moda, amores passageiros, as mulheres da Europa querendo desvendar o mistério dos homens da África. E quando o vento soprava forte nas montanhas da Suíça, a temporada de esqui interrompida e a escapada para o México, quanta tequila com limão nas noites de Acapulco,